



PEQUENAS
GRANDES
coisas

BEATRIZ NISHIKAWA VENTURIM

PEQUENAS
GRANDES
coisas

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Beatriz Nishikawa Venturim

Orientação: Prof^ª Dra. Cassia Leticia Carrara Domiciano

Junho 2024

V469p Venturim, Beatriz Nishikawa
Pequenas Grandes Coisas / Beatriz Nishikawa
Venturim. --Bauru, 2024

49 p. : il., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Design)
- Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Cassia Leticia Carrara Domiciano

1. Design emocional. 2. Memória. 3. Identidade. 4.
Ilustração. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Este trabalho é resultado de uma feliz busca por se fazer o que gosta.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Cristiano e Ellen que, enquanto eu crescia, me abriram espaço para a expressividade criativa e caminho para encontrar minhas realizações profissionais. Agradeço ao meu marido, Rafael, um dia namorado, desde o início do curso, que me motivou nos momentos mais difíceis. Agradeço a comunidade *abeuense* que me deu suporte durante toda a graduação, foram amigos mais chegados que irmãos. Agradeço a minha querida professora e orientadora Cassia, por toda a excelência e gentileza em tudo o que faz. Agradeço aos vários amigos que aceitaram dar depoimentos para a execução deste projeto. Sem eles, nada disso teria sido possível. E por último, mas não menos importante, agradeço à própria UNESP que, entre conquistas e desafios, orgulha a muitos que passam por ela. É um privilégio dizer que estudei design onde mais queria. Obrigada, FAAC.

04	Introdução
05	Concepção
06	Objetivos
07	Referências conceituais
08	Referências visuais
10	O livro
11	Linguagem
17	Projeto gráfico
31	Fotografias
45	Considerações finais
46	Referências bibliográficas
47	Lista de imagens

introdução

Em 2022 participei de uma mentoria para pesquisa acadêmica na área de Teologia e Artes pela ABUB (Aliança Bíblica Universitária do Brasil), um movimento independente com mais de 60 anos que une metodologia ao estudo da Bíblia nas universidades brasileiras. O fruto desse trabalho foi um artigo sobre a relação entre o design do cotidiano e a esperança, com base na complementaridade de ideias entre designers e teólogos na área das artes e emoções que, futuramente, participaria do Congresso Internacional de Palermo, em Buenos Aires, em julho de 2023. Realmente foi um assunto interessante de se abordar. E para o projeto atual, surgiu a ideia de trazer um pouco deste conceito revelado na prática. Neste livro existem seis relatos de pessoas diferentes que deram um significado profundo a seus pertences. Significados estes que, em cada entrevista, brilhavam os olhos do entrevistado e, de alguma forma, os inspiram ainda hoje a continuar suas jornadas pessoais de uma maneira ainda mais intencional e honrosa.

concepção

Rafael Cardoso em *Design para um Mundo Complexo* (2011) já disse que as “coisas” não querem dizer nada, apenas são, se não significadas pelo usuário (p. 62). *Pequenas Grandes Coisas* é um livro que abrange desde entrevistas pessoais a ilustrações coloridas e sensíveis de aquarela, carregando nostalgia, afeto e conectando artefatos de design aos seus usuários por meio de suas experiências relacionais, mediante suas memórias.

“As lembranças refletem a experiência da nossa vida. Elas nos recordam nossa família e amigos, nossas experiências e realizações. Também servem para reforçar a maneira como vemos a nós mesmos.” (NORMAN, 2008, p. 74).

Através dos contos ilustrados, a proposta desta pequena coletânea de histórias é demonstrar, com efeitos práticos, a relevância que as relações interpessoais têm em questão dessa significação que Cardoso aborda, partindo até para o campo da descoberta identitária do usuário, no âmbito do

design emocional. Em sua obra neste campo, Donald Norman cita Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Rochberg-Halton, no livro *The Meaning of Things*, em que os autores fizeram uma pesquisa com 300 entrevistados sobre os objetos mais especiais de seus lares. Com as respectivas respostas, puderam concluir que seriam “aqueles com recordações ou associações especiais, aqueles que ajudavam a evocar um sentimento especial em seus donos. **Todos os itens evocavam histórias. Raramente o foco estava na coisa em si.**” (NORMAN, 2008, p. 68)

O título *Pequenas Grandes Coisas*, junto à capa ilustrada de um pote de vidro que envolve uma coleção de conchas, busca ilustrar o grande significado que as “simples coisas” podem carregar. Pessoalmente falando, este desenho foi inspirado numa coleção real de conchas coletadas durante a minha lua-de-mel. Com certeza elas carregam bons sentimentos e lembranças!



O objetivo geral deste projeto é demonstrar como o design pode ser uma ferramenta para conectar o usuário à sua própria história, não trazendo princípios materialistas, mas reafirmando o seu significado através da memória nele representada, abordando o valor da identidade pessoal e dos relacionamentos humanos.

“Things embody goals, make skills manifest, and shape the identities of their users. Man is not only homo sapiens, homo ludens, he is also homo faber, the maker and user of objects, his self to a large extent a reflection of things with which he interacts.” (CSIKSZENTMIHALYI e ROCHBERG-HALTON, 1999, p. 1)¹

Além disso, também buscou-se evidenciar como essa retomada das lembranças é capaz de influenciar nas perspectivas de vida de cada usuário. A partir das histórias relatadas, é possível notar que cada acontecimento culminou numa percepção inovadora e importante para cada entrevistado, revelando um tipo de esperança, por meio da honra àqueles que o objeto representa ou mesmo aos próprios processos pessoais que definiram grande parte de sua personalidade.

¹“As coisas incorporam objetivos, manifestam habilidades e moldam as identidades de seus usuários. O homem não é apenas homo sapiens, homo ludens, ele também é homo faber, o criador e usuário de objetos, sendo ele mesmo, em grande medida, um reflexo das coisas com as quais ele interage.” (CSIKSZENTMIHALYI e ROCHBERG-HALTON, 1999, p. 1, tradução nossa)

Makoto Fujimura é um artista plástico contemporâneo norte-americano com ascendência nipônica reconhecido internacionalmente. Ele trabalha desde telas abstratas até livros teóricos sobre arte e fé cristã. Uma de suas obras, o livro *Culture Care* (ou *Cuidado Cultural*), dialoga sobre a beleza presente no cotidiano ordinário. Um de seus exemplos iniciais me convidou para reflexão: o autor conta o contexto do início de seu matrimônio em que ele e sua esposa passavam por dificuldades financeiras e, certo dia, inesperadamente, ela chega em casa com um buquê de flores. Ele, frustrado, pergunta: “Como você pôde pensar em comprar flores se não podemos nem mesmo ter uma refeição?” E então ela responde: “Nós também precisamos alimentar nossas almas.” O interessante é que, após ser confrontado com esta última frase, o autor diz que se questiona como não estava se atentando a esse aspecto antes, já que “ele era o artista”. Sobre esta reflexão, ele inicia seu processo de conceituação do que chama de cuidado cultural, um ato de **trazer beleza para uma sociedade em que está desprovida dela** (FUJIMURA, 2017, p. 15).

De certa forma, essa ideia se assemelha ao meu principal objetivo em realizar este projeto: trazer uma abordagem dos objetos de design relacionados às inspirações pessoais de seus usuários que os impactam em suas rotinas comuns.

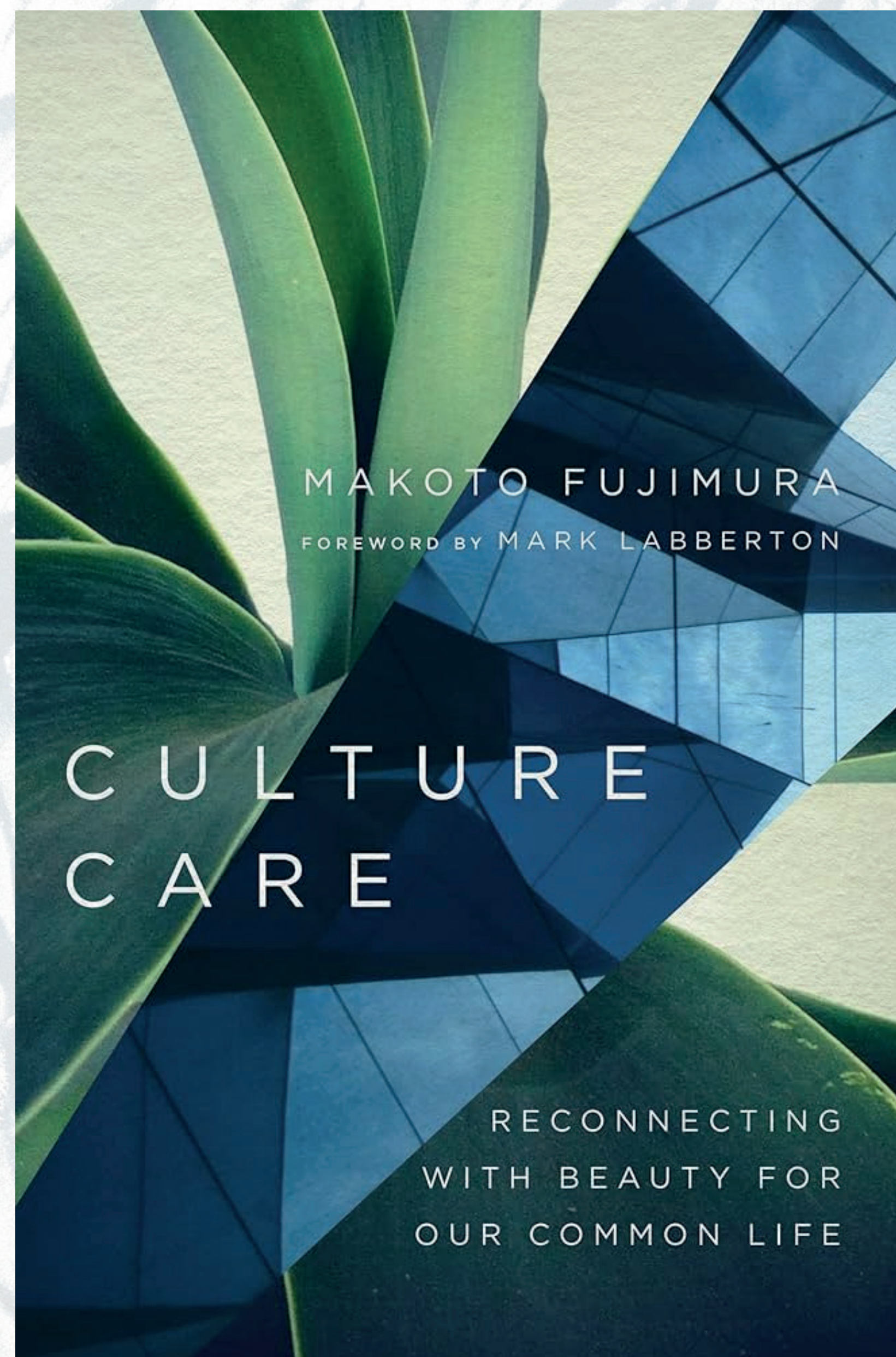
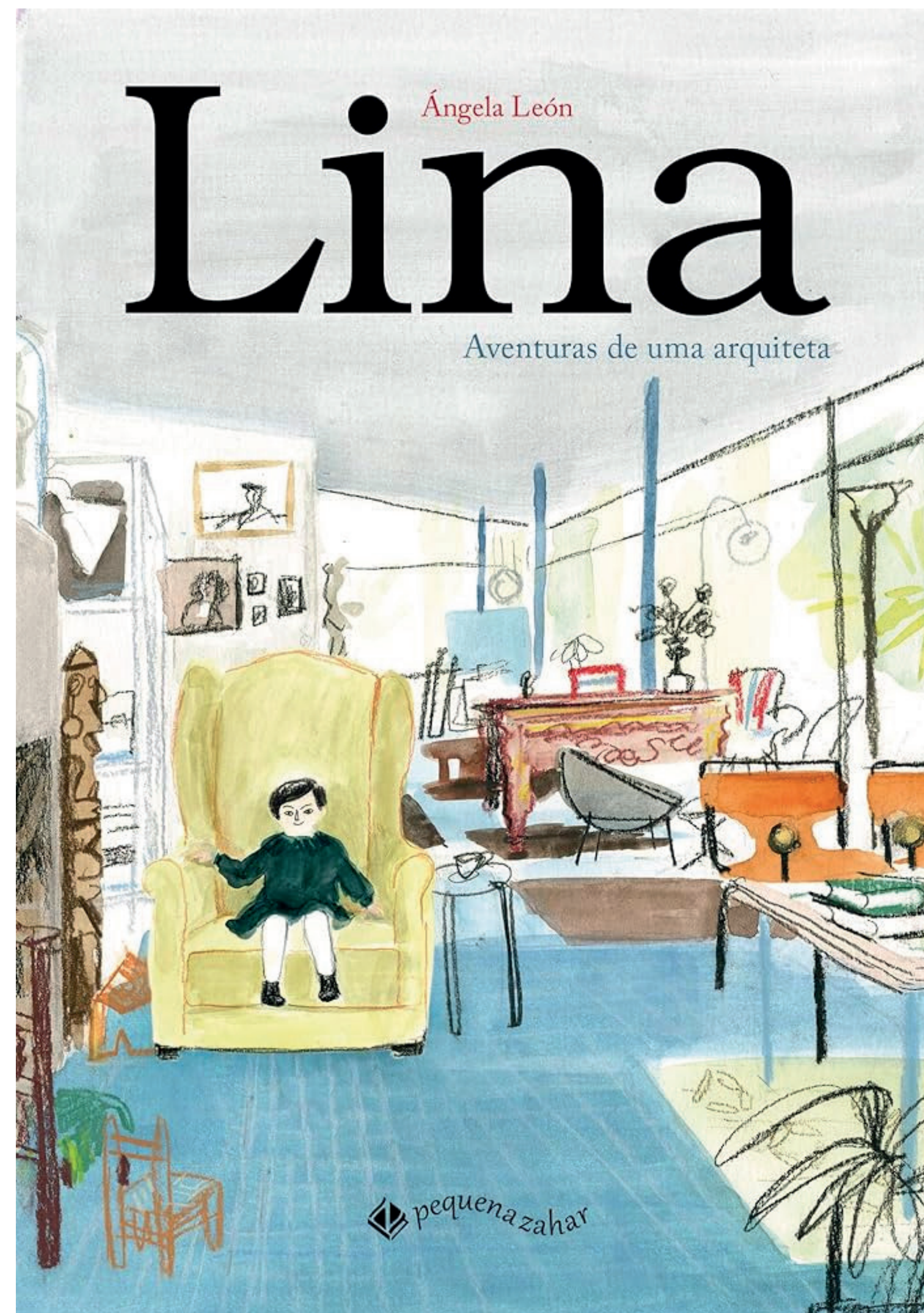


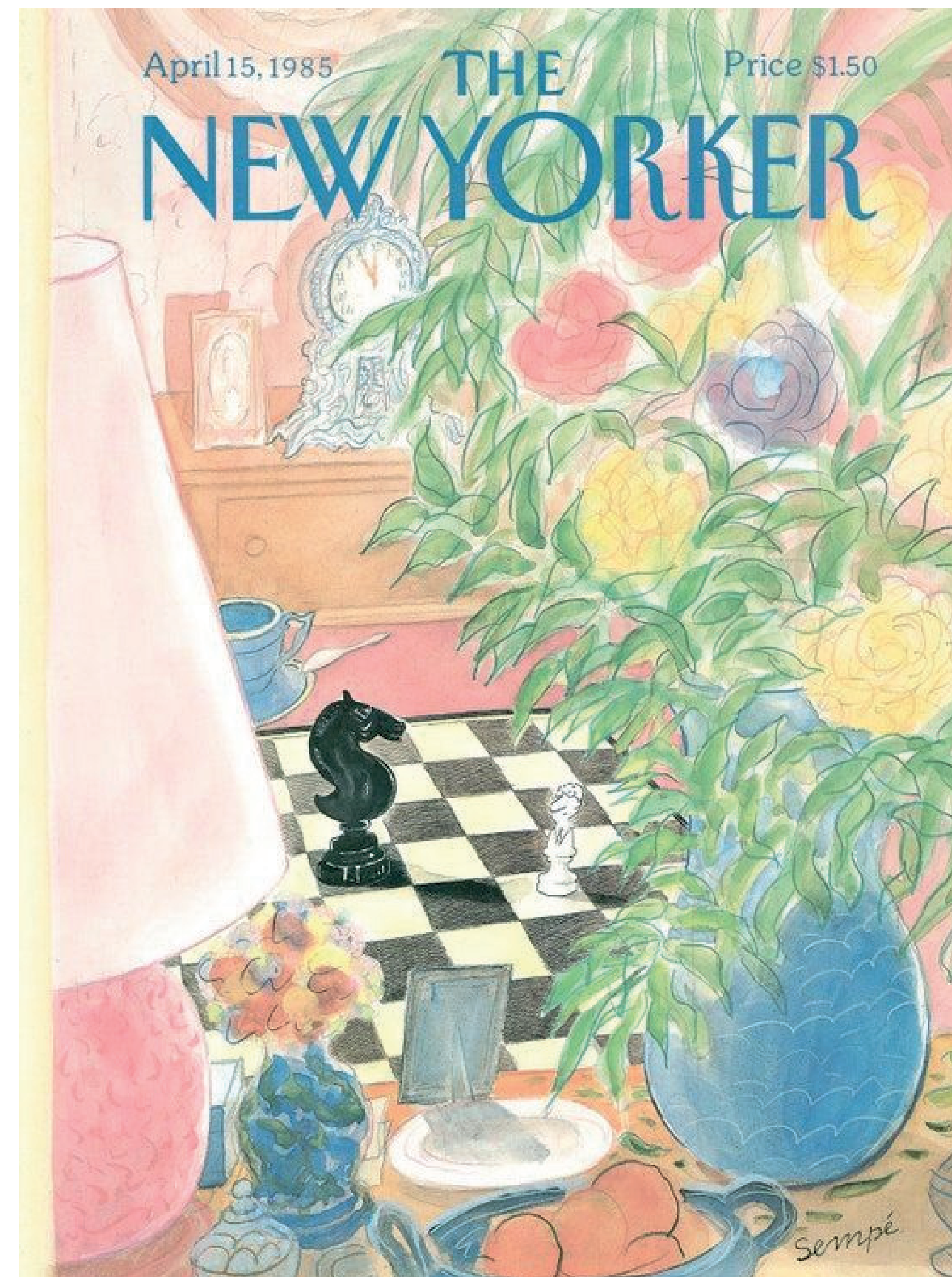
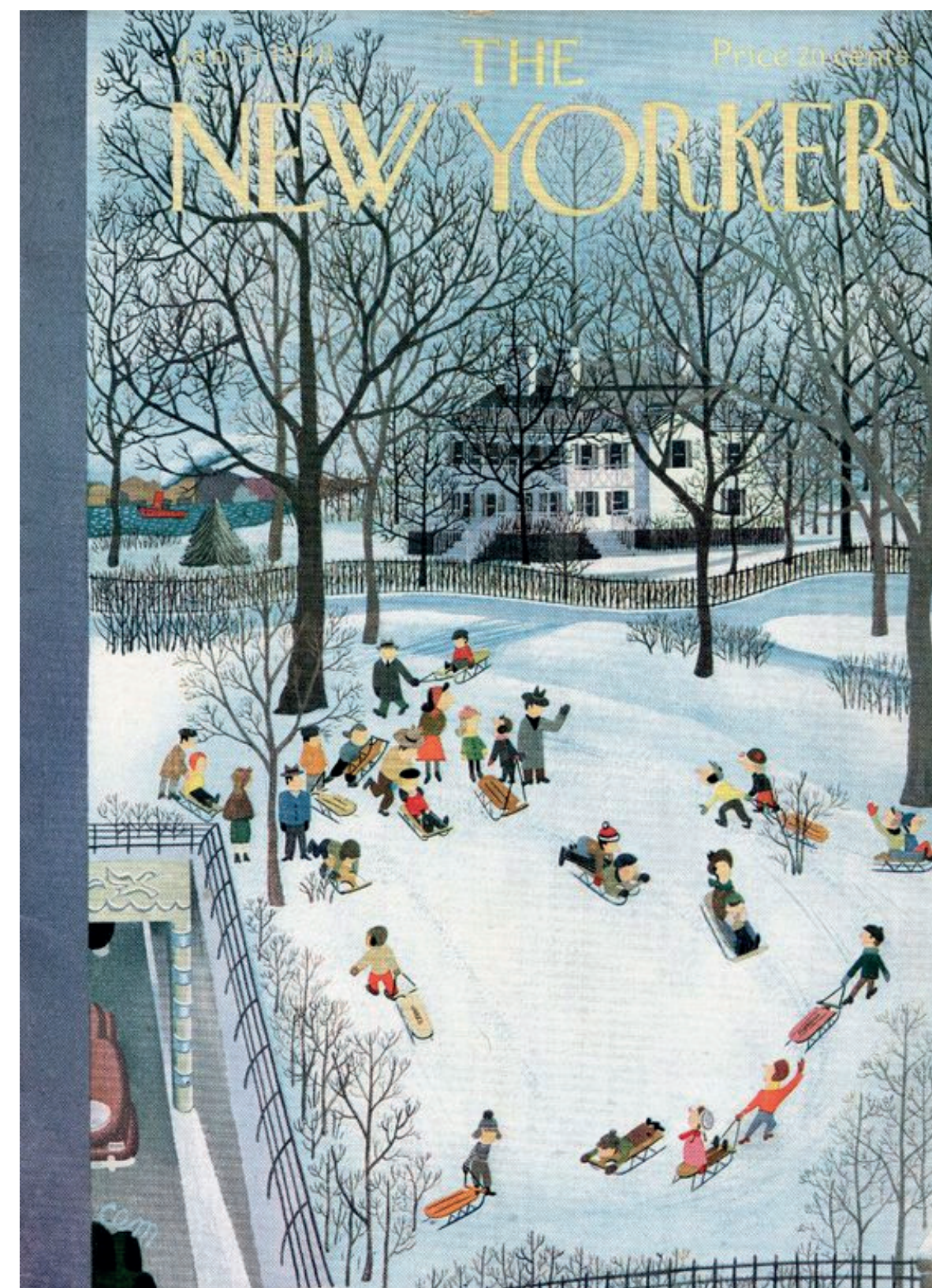
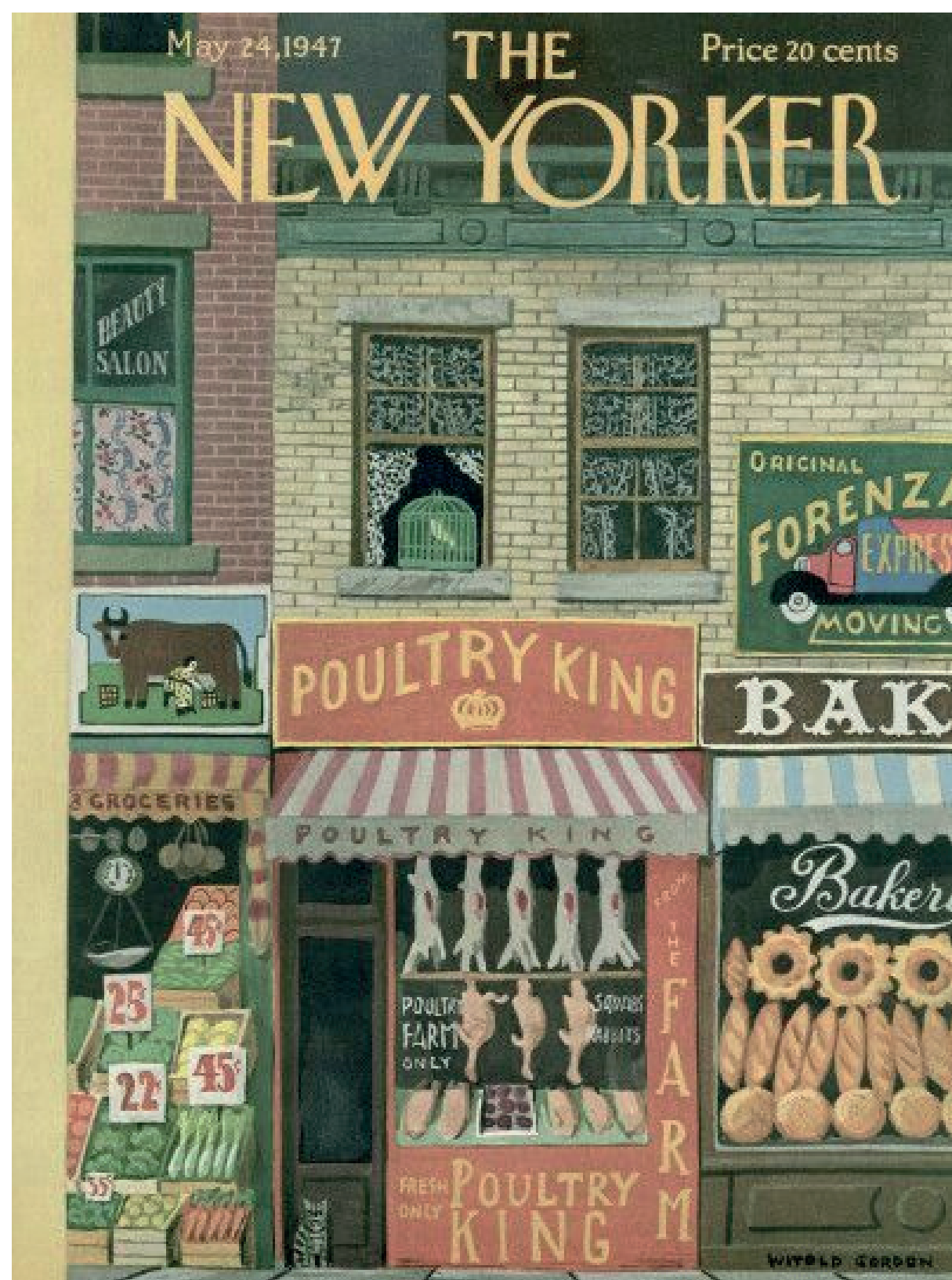
Figura 1: Capa do livro *Culture Care*. Fonte: Editora IVP Books.

Passeando no SESC Pompéia, na capital de São Paulo, me deparei com uma biblioteca maravilhosa sobre arte, arquitetura, filosofia, e diversos outros assuntos *humanóides*. Um livro que chamou a atenção foi o "Lina: Aventuras de uma arquiteta", de Ángela León (2020). Tratava-se de um livro ilustrado para crianças sobre a vida de Lina Bo Bardi - a arquiteta por trás desta unidade do SESC - seu pioneirismo feminino e rica influência na arquitetura brasileira. Com ludicidade, a autora trouxe os diversos feitos e a preocupação de Lina com a comunidade de uma forma simples e interessante ao público juvenil. Suas ilustrações com técnica mista entre tintas aquareláveis e giz numa paleta mais fria traziam cor e leveza. É um estilo que admiro e me identifico.



Figuras 2 e 3: Ilustração interna e capa do livro Lina: Aventuras de uma arquiteta. Fonte: Editora Pequena Zahar.

O The New Yorker é um periódico de idade quase centenária, norte-americano que publica reportagens, ficção, críticas e ensaios. Hoje se configura também em mídia digital e se faz presente em um site oficial e redes sociais. Esta revista é famosa por suas capas ilustradas e, de fato, foi uma grande inspiração para as ilustrações do Pequenas Grandes Coisas, uma vez que suas capas traziam cenas cotidianas, desde cenários comunitários até enfoques de objetos. Encontrei várias inspirações nas inúmeras edições que estão registradas pela internet.



Figuras 4, 5 e 6: Capas da revista The New Yorker. Edições 24 de maio de 1947; 31 de janeiro de 1948 e 15 de abril de 1985. Fonte: newyorker.com.

PEQUENAS
GRANDES
coisas

o livro

LINGUAGENS E PROJETO GRÁFICO

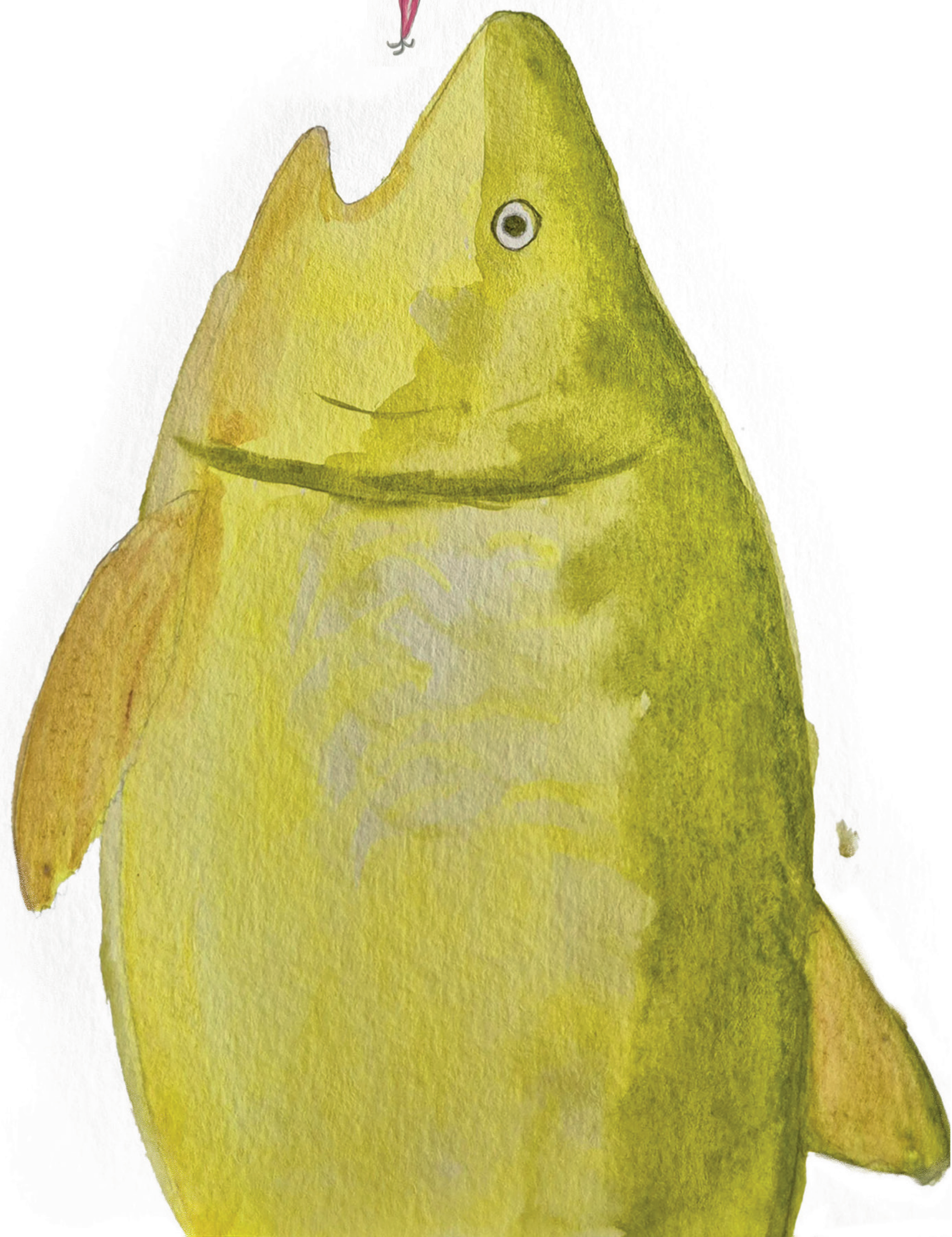
entrevistas

Seis entrevistados tiveram a oportunidade de compartilhar “apegos materiais” que, na verdade, se traduziram em recordações de momentos únicos e importantes com outras pessoas. O objeto escolhido, por sua vez, acabou se tornando secundário, como apenas um elemento que remete a tal memória, sendo que esta sim influenciou parte da identidade do usuário. Donald Norman em Design Emocional (2008) disse que, de fato, existe um nível mais profundo de interpretação humana sobre os produtos que ele denomina “reflexivo”. Nele, residem pensamentos que relacionam a percepção do objeto a sua autoimagem, satisfação pessoal e memórias (p. 59).

O roteiro de perguntas deu-se da seguinte maneira:

- 1. Nome, idade, onde nasceu.**
- 2. Qual objeto seu te conta uma boa história? Ele ainda existe fisicamente com você?**
- 3. O pertence escolhido possui algum vínculo com uma ou mais pessoas além de você? Em outras palavras, a história que você vai contar envolve alguém além de você mesmo(a)?**
- 4. Qual o seu nível de proximidade com essa(s) pessoa(s)? (Categorizar: família/amigos/relação romântica/conhecidos/desconhecidos)**
- 5. Conte-me a sua história**
- 6. O que você sente em relação a esse objeto?**
- 7. Que tipo de memória ele te traz? Você tem algum apego a ele? Por quê?**

Entretanto, muitos dos entrevistados iam contando suas histórias com tanta emoção e detalhes que já iam respondendo algumas perguntas antes mesmo de eu fazê-las. A opção de sigilo em questão da autoria do relato foi apresentada no início das entrevistas, mas nenhuma das histórias selecionadas possui esta exigência, por isso todos os contos têm o personagem central nomeado.



texto

O gênero textual escolhido para o livro foi o conto, para que fosse uma narrativa curta, mas com a estrutura necessária para a compreensão do foco principal da história. Então, houve um trabalho de adaptar a disposição “pergunta e resposta” para o conto. No meio dessa transição, foi valorizado um tom sentimental, pois conforme as entrevistas eram realizadas, percebi na prática a subjetividade que aquilo carregava. Não se trata de um projeto ultra racional, mas sim guiado pelas emoções. Assim, as histórias são narrativas descritivas, mas com uma boa tonalidade poética. Todas as histórias foram “aprovadas” depois de prontas pelos respectivos autores, pois gostaria de resguardar e não distorcer a verdade.

Ilustração: Autora

ilustrações



ilustrações

Outra linguagem escolhida para contar as histórias foi a ilustração, uma das características mais evidentes do livro. Na abertura dos capítulos buscou-se representar o espaço físico em que ocorreu a história. Já nas páginas de texto, uma representação do objeto escolhido. Foi designada a técnica de aquarela pela sua delicadeza, ao se tratar de lembranças íntimas e preciosas, e cores vibrantes pela vivacidade destas, percebida nas falas dos entrevistados. Todas as ilustrações dos objetos foram inspiradas em fotografias reais enviadas por eles e, em algumas aberturas de capítulo, que se dão pelo cenário dos acontecimentos, houve uma criação de imagem com base nos próprios relatos.

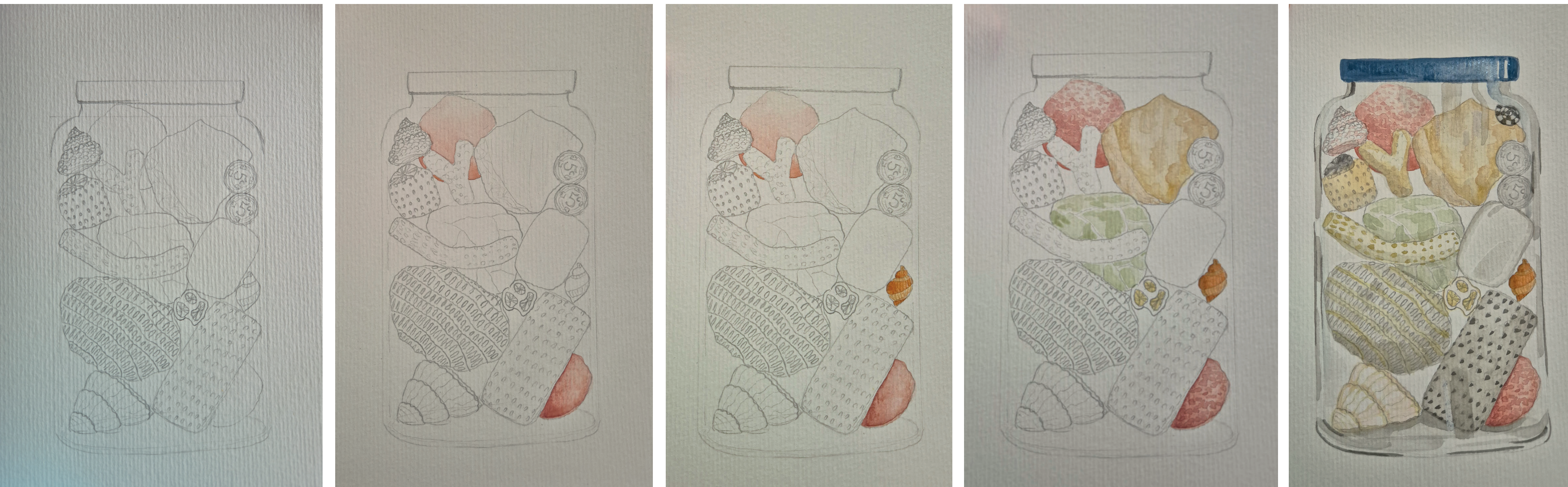
Figura 7: Fotografia enviada pela entrevistada.



Figuras 8, 9, 10 e 11: Fotografias do objeto de referência. Fonte: Autora.

processo

Em primeiro lugar, os objetos eram atentamente observados para a compreensão de texturas, cores, proporção e profundidade por meio das fotografias enviadas pelos autores das histórias. Este exemplo se trata da coleção de conchas da capa.



Figuras 12, 13, 14, 15 e 16: Fotografias do processo de ilustração. Fonte: Autora.

Após o estudo realizado por meio de esboços e a técnica de desenho de observação, o desenho foi mais profundamente desenvolvido, ressaltando a relação figura-texto, seja de uma imagem de abertura e seu título ou mesmo a história e a representação do objeto, nas páginas seguintes. E por fim, as cores foram dadas através da aquarela.

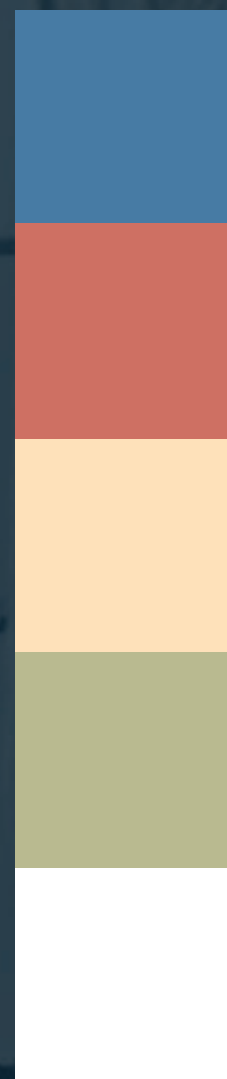
identidade visual

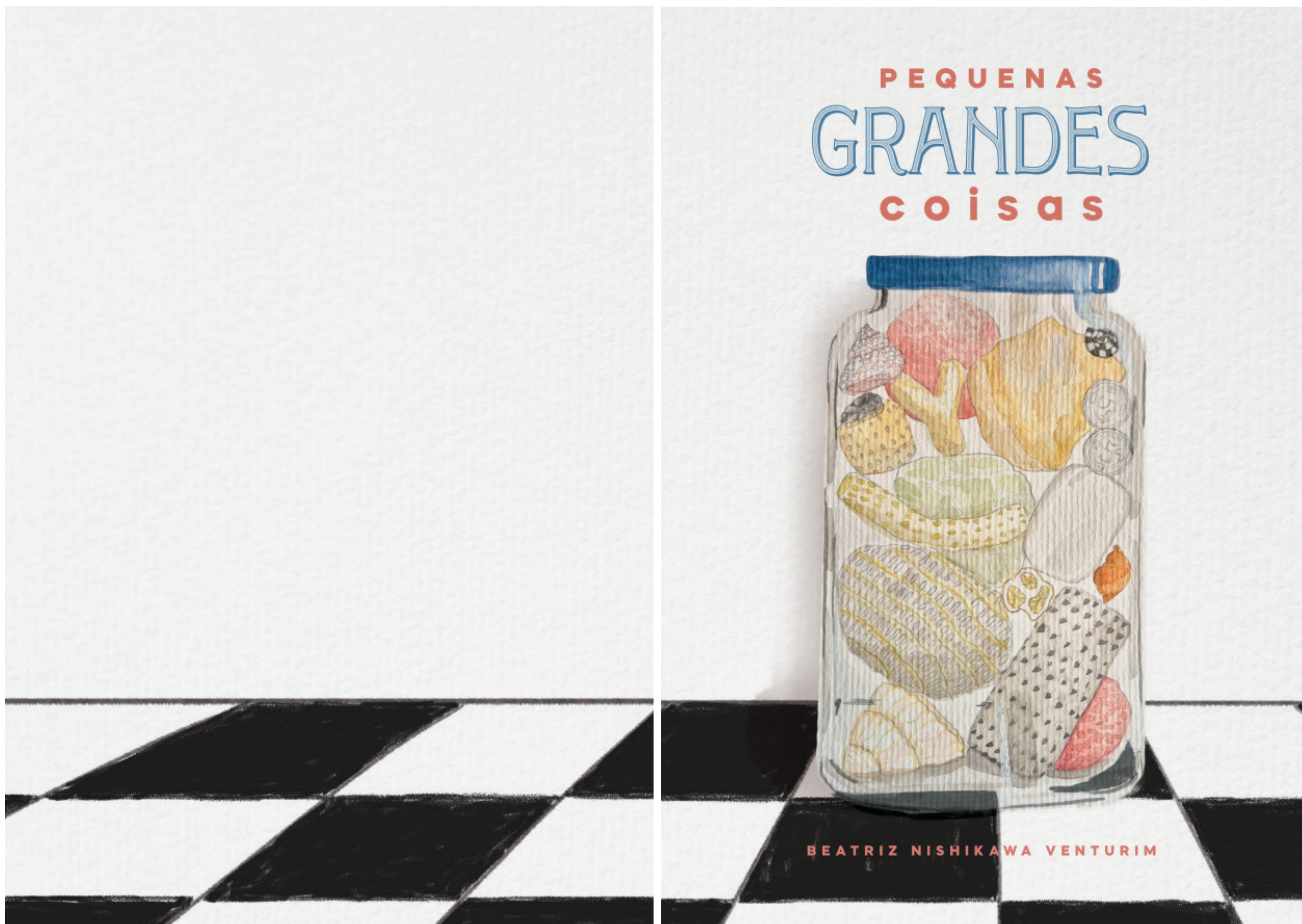
GRANDE

coisas

BEATRIZ NISHIKAWA VENTURIM

A criação da identidade visual se deu pela valorização de **elementos nostálgicos**, bem como a técnica utilizada para as ilustrações: aquarela sobre papel, técnica que se faz presente há centenas de gerações.





capas

A capa principal carrega, além do elemento principal que é a coleção de conchas, e o título, com as respectivas tipografias, um cenário quadriculado em preto e branco. Ele simboliza o *retrô*, mas também, de certa forma, a atemporalidade, uma vez que a contemporaneidade ainda contempla padrões geométricos e em P&B. É marcante também a textura do papel para aquarela, 300 g/m³, que aparece em todas as ilustrações.

tipografia

Como dito no tópico de Conceção, “Pequenas Grandes Coisas” junto à capa ilustrada de uma coleção de conchas busca representar o relevante significado que as “pequenas coisas” podem carregar. A palavra destacada “Grandes” utiliza de uma tipografia que remete ao movimento francês Art Nouveau do século XIX, *Nouveau Nexus Poster*, de *HipFonts* (2024), com um estilo de letra muito utilizado em cartazes da época e que, hoje, carrega um traço *vintage* atrelado ao lúdico.

As letras complementares estão escritas com a tipografia *Mazzard*, de Oleh Lishchuk (2019), em caixa alta, balanceando a nostalgia aos dias atuais, trazendo contemporaneidade, por se tratar de uma não serifada mais minimalista e regular, com similares bastante utilizadas nos meios digitais.



PEQUENAS
GRANDES
COISAS

Figura 19: Título do livro. Fonte: Autora.

NOUVEAU NEXUS POSTER
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 20: Parte utilizada da família tipográfica Nouveau Nexus. Fonte: youworkforthem.com.

Mazzard
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 21: Parte utilizada da família tipográfica Mazzard. Fonte: myfonts.com.

corpo de texto

Para o corpo de texto foi escolhida uma tipografia com serifas, a *Georgia*, de Mathew Carter (1993), em 11 pt, com entrelinhas em 14 pt. Foram realizados testes de impressão com outras similares, mas esta se mostrou a mais satisfatória para a proposta, que uniria a tradição à atualidade, em conjunto à **capitular** em *Nouveau Nexus Poster*.

Georgia
 A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
 a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 22: Parte utilizada da família tipográfica Georgia. Fonte: Microsoft.



Figura 23: Fotografia da tipografia aplicada à página do livro. Fonte: Autora.



Figura 24: Paleta de cores. Fonte: Autora.

cores

A paleta de cores baseou-se nas ilustrações coloridas produzidas com tinta aquarela. Buscou-se pintar os desenhos de acordo com as cores das referências reais. Assim, temos uma paleta colorida, para além das estabelecidas pela capa.

PROJETO GRÁFICO

extraordinário
NO ORDINÁRIO

diagramação

2024

O livro e a família de Gabriel, uma
que veio passando de geração em geração desde seu
sua adolescência. Gab teve a oportunidade de fazer
ira viagem com o nome da pescaria, junto a seu pai
rrientes, localizada no norte da Argentina. No
e soube da viagem, seu tio-avô, grande pescador,
loja especializada em variedade de materiais para
varas, carretilhas e, principalmente, boas iscas. Uma
hidas foi uma isca artificial imitadora de peixe de
verdade, que funciona numa navegação à meia-
ueando as margens de um rio para atrair pos-
síveis predadores.

2ª edição

PEQUENAS
grandes
coisas

Rosari

Fotografia: Autora

referência

esboços

testes de tipografia

planejamento

boneco inicial

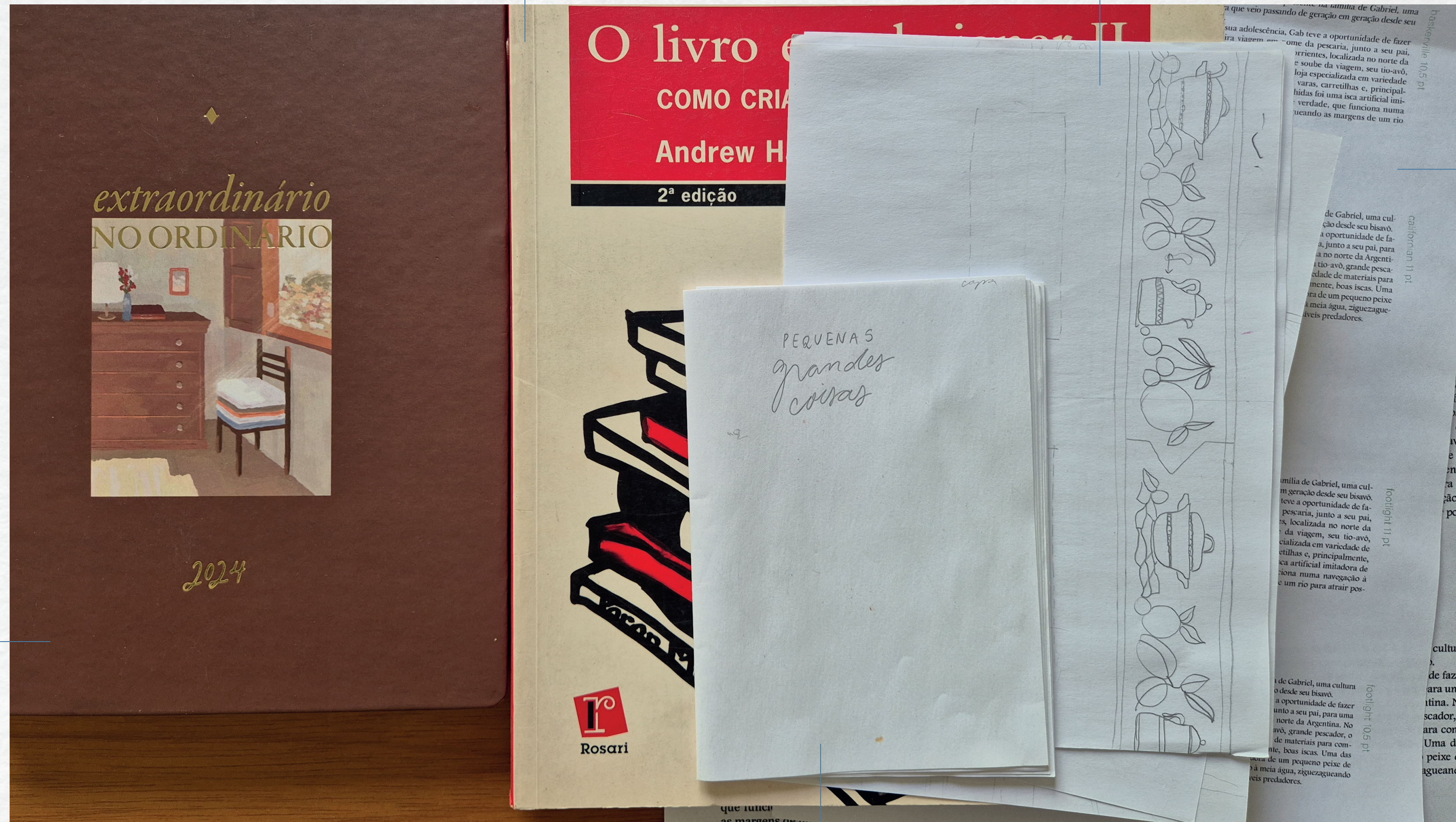


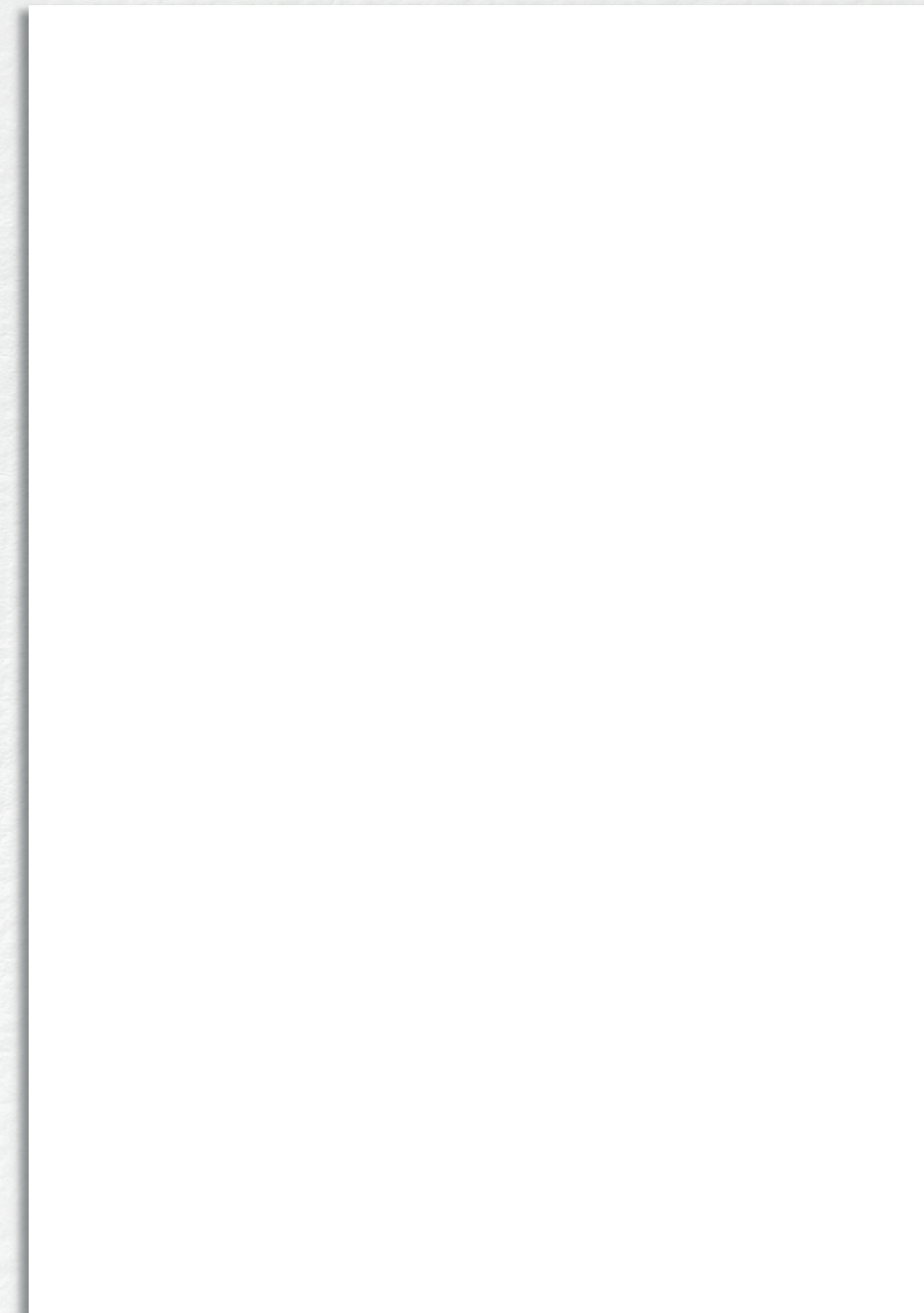
Figura 25: Fotografia de organização. Fonte: Autora.

formato A5

Para as dimensões do livro foi priorizado um formato vertical, tendo sido escolhido o formato A5 (medidas 21 cm X 14,8 cm), sendo 5,5 mm de espessura de lombada.*

O tamanho definido tem o propósito de propiciar facilidade em seu transporte pessoal e armazenagem, sendo um livro para estar presente em qualquer ocasião propícia para compartilhar a leitura e gerar diálogo sobre o tema.

14,8 cm



21 cm

Figura 26: Modelo de proporção A5. Fonte: Autora.

margens

Com a forte presença das ilustrações com o texto, permitindo uma variabilidade de diagramações, foi utilizada uma margem para centralizar e justificar o texto na página de 1 cm à margem interna e superior, e 2 cm à margem externa lateral e baixa, devido ao manuseio do leitor por estas regiões.

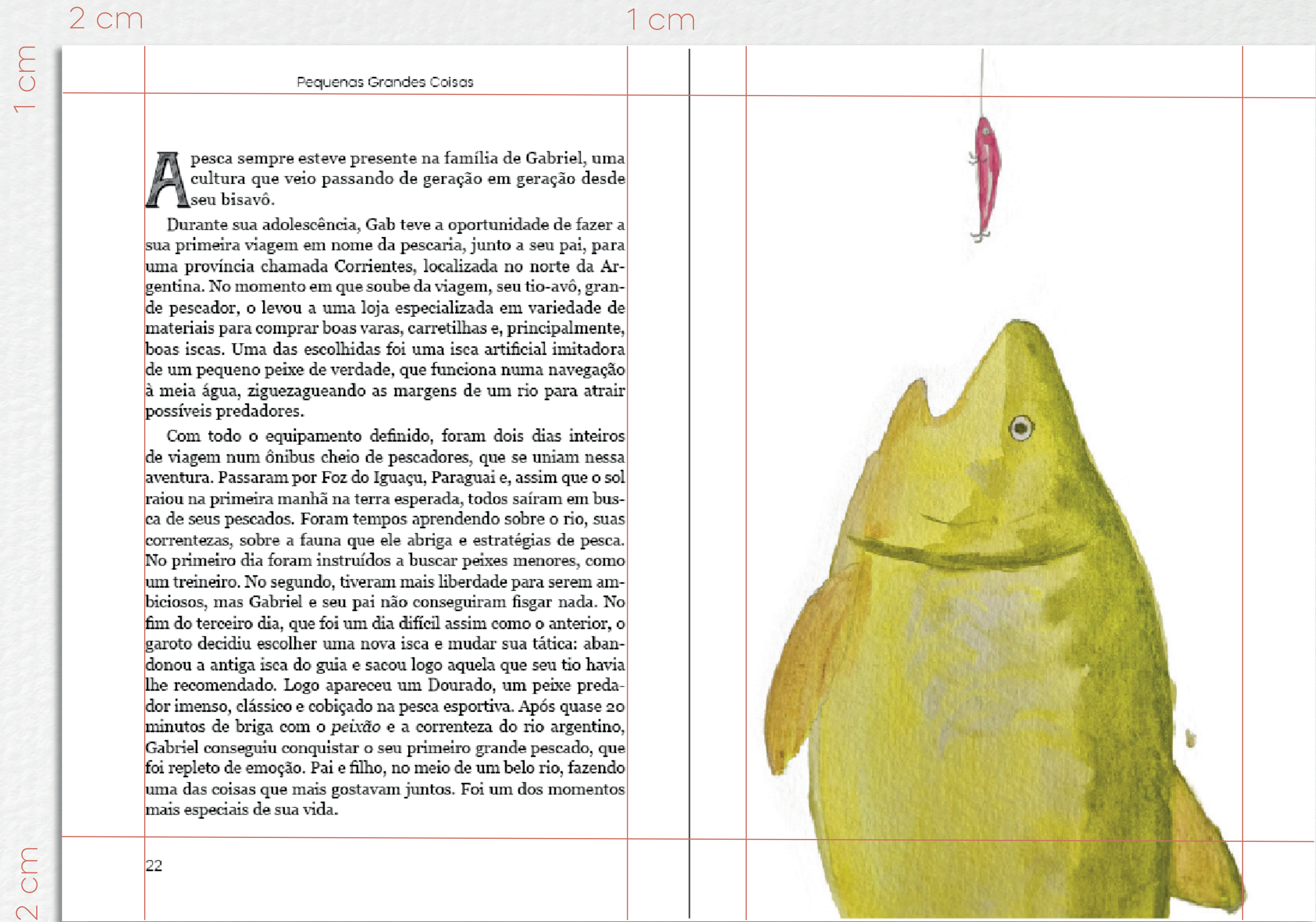


Figura 27: Margens destacadas e aplicadas nas páginas do livro aberto. Fonte: Autora.

espelho

Um capítulo se resume a um conto, contando com uma abertura de capítulo ilustrada de duas páginas que remete ao lugar em que a história aconteceu, como uma espécie de introdução, acompanhada de seu título, o nome do objeto especial escolhido.

Já as páginas de texto são acompanhadas da ilustração desse objeto, cada história com uma diagramação interativa que faz sentido pelo espaço ocupado pelo desenho e pelo texto. Os fundos brancos, sem cenário (com exceção do capítulo “Azulejo”, que possui um fundo claro de cenário, uma espécie de zoom da ilustração da abertura, já que o objeto escolhido é fixo na parede), destacam ambos o objeto e o texto, dando sentido e espaço às gravuras de abertura do capítulo.



Figura 28: Espelho do miolo. Fonte: Autora.

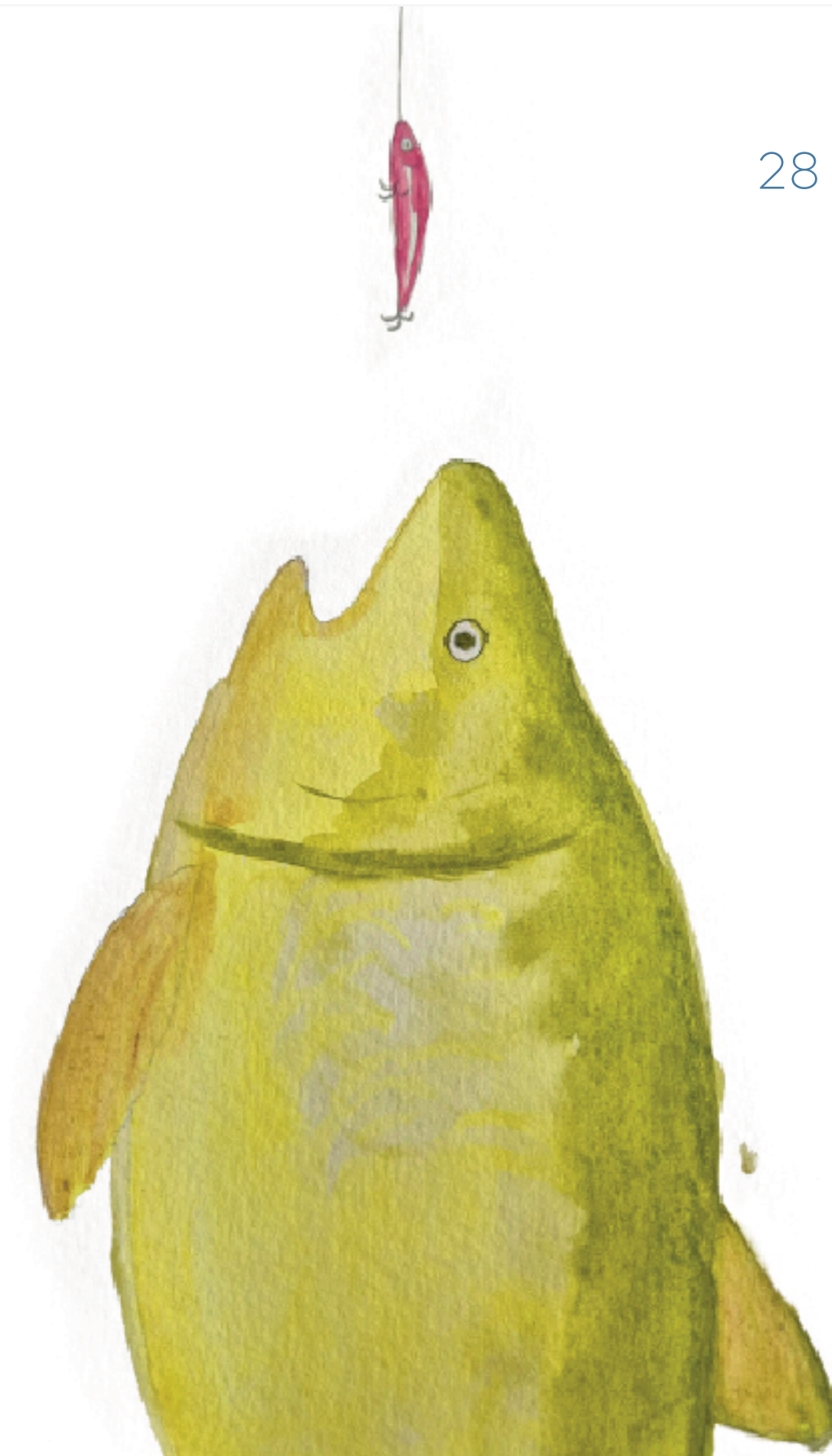


ISCA DE PESCA

A pesca sempre esteve presente na família de Gabriel, uma cultura que veio passando de geração em geração desde seu bisavô.

Durante sua adolescência, Gab teve a oportunidade de fazer a sua primeira viagem em nome da pescaria, junto a seu pai, para uma província chamada Corrientes, localizada no norte da Argentina. No momento em que soube da viagem, seu tio-avô, grande pescador, o levou a uma loja especializada em variedade de materiais para comprar boas varas, carretilhas e, principalmente, boas iscas. Uma das escolhidas foi uma isca artificial imitadora de um pequeno peixe de verdade, que funciona numa navegação à meia água, ziguezagueando as margens de um rio para atrair possíveis predadores.

Com todo o equipamento definido, foram dois dias inteiros de viagem num ônibus cheio de pescadores, que se uniam nessa aventura. Passaram por Foz do Iguaçu, Paraguai e, assim que o sol raiou na primeira manhã na terra esperada, todos saíram em busca de seus pescados. Foram tempos aprendendo sobre o rio, suas correntezas, sobre a fauna que ele abriga e estratégias de pesca. No primeiro dia foram instruídos a buscar peixes menores, como um treineiro. No segundo, tiveram mais liberdade para serem ambiciosos, mas Gabriel e seu pai não conseguiram fisgar nada. No fim do terceiro dia, que foi um dia difícil assim como o anterior, o garoto decidiu escolher uma nova isca e mudar sua tática: abandonou a antiga isca do guia e sacou logo aquela que seu tio havia lhe recomendado. Logo apareceu um Dourado, um peixe predador imenso, clássico e cobiçado na pesca esportiva. Após quase 20 minutos de briga com o *peixão* e a correnteza do rio argentino, Gabriel conseguiu conquistar o seu primeiro grande pescado, que foi repleto de emoção. Pai e filho, no meio de um belo rio, fazendo uma das coisas que mais gostavam juntos. Foi um dos momentos mais especiais de sua vida.



Figuras 29 e 30: Abertura de capítulo e páginas de texto. Fonte: Autora.

ritmo

Essa formatação restritiva de duas páginas de abertura + duas páginas de texto e imagem tiveram a finalidade de criar um certo padrão entre os contos, não permitindo que a escrita de um se delongasse muito mais que outra ou que algum conto chamasse mais atenção que outro. Assim, o ritmo deu-se pela disposição diversificada das ilustrações e do texto, já que, em termos de leitura, cada história possui a sua própria emoção e ápice, não são concorrentes.

produção gráfica

PEQUENAS
GRANDES
coisas

1ª EDIÇÃO

Beatriz Nishikawa Venturim

Trabalho de Conclusão de Curso
Design gráfico

unesp

impressão

A impressão foi realizada numa gráfica rápida em São Paulo, bem reconhecida por seus mais de 30 anos de atuação na Avenida Paulista (Layu Impressões). Essa foi uma das opções que se destacaram em qualidade de impressão e comunicação com o cliente dentro de minhas pesquisas. O resultado do protótipo ficou como o esperado.

encadernação

O miolo foi impresso em papel offset 90g/m³, e a capa em papel couché 170g/m³. A encadernação se deu como manual, grampeada, por se tratar de um protótipo artesanal.

produto final

FOTOGRAFIAS DO PROTÓTIPO

Figuras 31-43: Imagens do livro. Fonte: Autora.

PEQUENAS
GRANDES
coisas




BEATRIZ NISHIKAWA VENTURIM

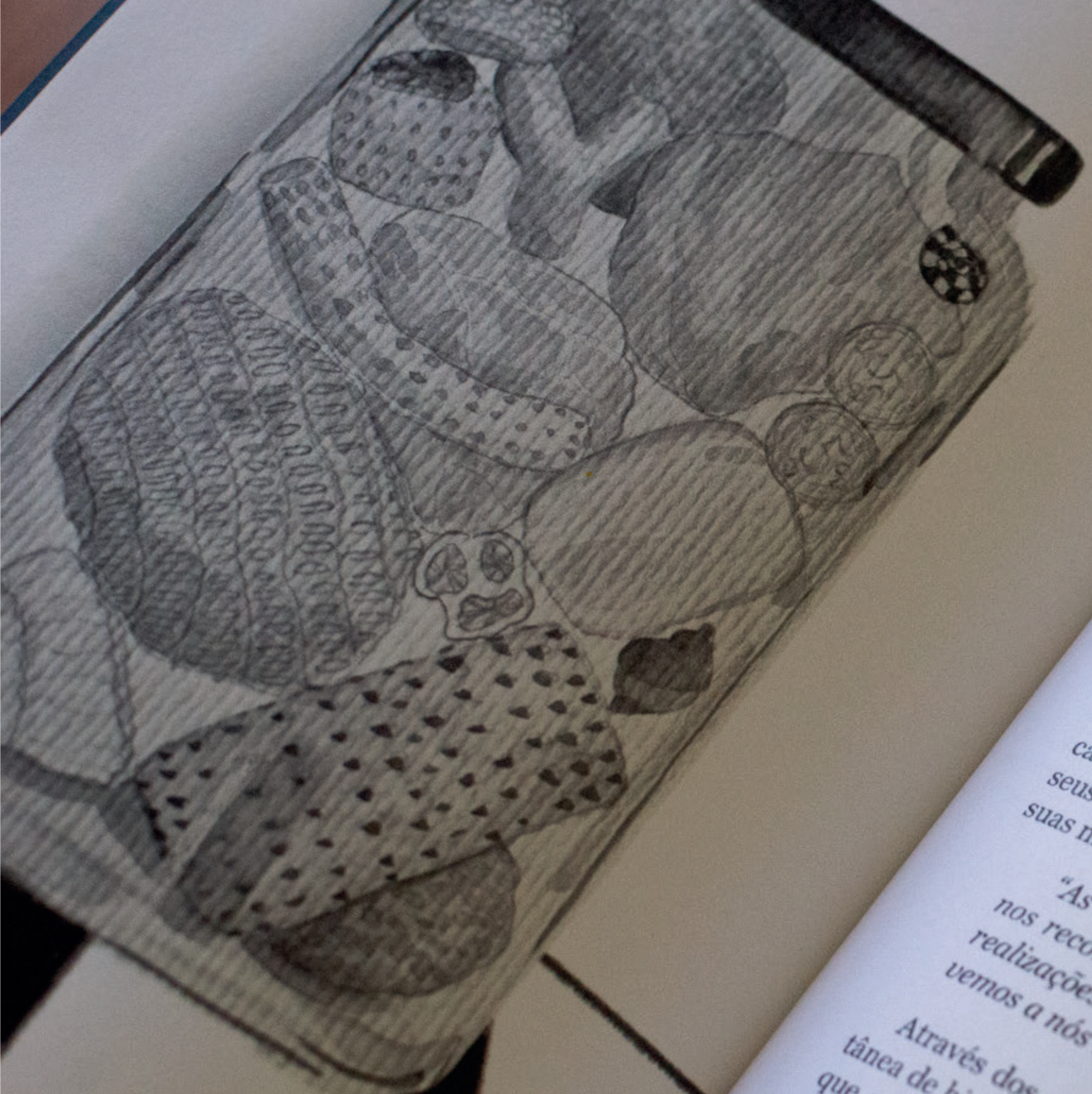
PEQUENAS
GRANDES
coisas

1ª EDIÇÃO

Beatriz Nishikawa Venturim

Trabalho de Conclusão de Curso
Design gráfico

unesp 



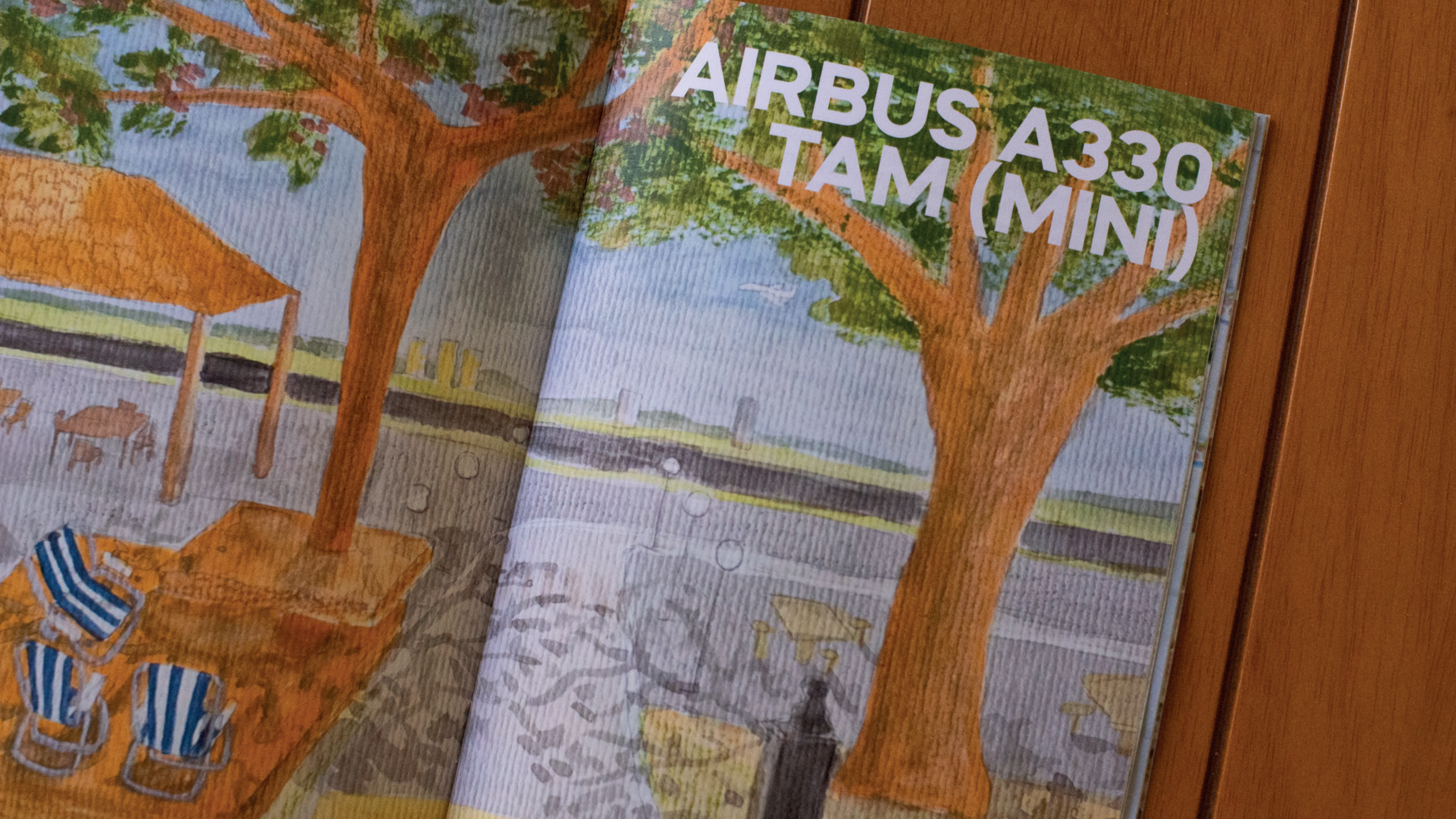
APRESENTAÇÃO

Rafael Cardoso em Design para um Mundo Complexo (2011) já disse que as “coisas” não querem dizer nada, apenas são, se não significadas pelo usuário (p. 62). Desenvolvido como um Projeto de Conclusão de Curso para a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), no curso de Design gráfico, em junho de 2024, Pequenas Grandes Coisas é um livro que abrange desde entrevistas pessoais a ilustrações coloridas e sensíveis de design aos carregando nostalgia, afeto e conectando artefatos de design aos seus usuários por meio de suas experiências relacionais, mediante suas memórias.

“As lembranças refletem a experiência da nossa vida. Elas nos recordam nossa família e amigos, nossas experiências e realizações. Também servem para reforçar a maneira como vemos a nós mesmos.” (NORMAN, p. 74).

Através dos contos ilustrados, a proposta desta tráfnea de histórias é demonstrar, com efeitos práticos que as relações interpessoais têm em questões que Cardoso aborda, partindo até para a identidade do usuário, no âmbito de

AIRBUS A330 TAM (MINI)




Joãozinho sempre foi um garoto que gostava de pensar alto. Não gostava de ficar para a casa e procurar por aeronaves reais. O hábito de ir pensar com a família no aeroclube da cidade para observar aviões pousando e decolando moldou ainda mais a sua paixão por eles. Ele apreciava a beleza daquelas máquinas voando, onde era mais, queria estar perto delas de alguma maneira. Quando ainda era criança, descobriu que algumas miniaturas ficaram à escala original das aeronaves eram vendidas, mas fora do seu país e por um preço muito alto. Assim, o pequeno Jo se contentava com alguns brinquedos de aviação, mas nunca perdia o apreço por aqueles modelos mais próximos da realidade.



O tempo passou e ele aprendeu a fazer pinturas digitais, simuladores de voo, um hobby que o divertia e permitia conhecer amigos com o seu talento. Certo dia, um deles insistiu em oferecer uma quantia de reais por uma dessas pinturas, essa foi sua primeira remuneração. De imediato, Jo se lembrou do seu sonho de colecionador e foi consultar o valor da sua sonhada miniatura do Airbus A330 e, coincidência ou não, recebeu exatamente o valor que havia recebido de seu amigo! Assim, realizou sua primeira compra com seu próprio dinheiro e a partir de hoje a observa com admiração, a sua primeira conquista, em um ramo que descobriu como vocação para a vida.



Allianz  Parque

CAMISA DO
PALMEIRAS



Carlos Eduardo cresceu assistindo a jogos de futebol fluenciado pela região em que sua família morava no estádio, além de seu pai ser fanático pelo clube. Edu se animava para acompanhá-lo a qualquer partida. Tudo em volta lhe comunicava o "fut". Quando era criança, ela o hábito de ir à barbearia perto de casa com o pai todos os sábados para cortar o cabelo e, em seguida, almoçar no restaurante ao redor. Era uma tradição para os dois. Certo dia, após saírem do barbeiro, seu pai o olhou nos seus olhos e disse: "Vou comprar uma camisa do Palmeiras para você." E é claro que a criança amante do time se encheu de felicidade. Chegando em uma das várias lojas que existiam no bairro, Edu escolheu a camisa de suas favoritas, o verde limão. Em seguida, foi acompanhado com o vendedor dizendo que o número 10 era o seu favorito. Na verdade, aquela seria a sua segunda camisa, pois ele já havia acompanhado durante vários jogos importantes com seu pai que...



Uma menina em torno dos cinco anos de idade chegava à sua casa nova no interior de São Paulo. Rodeada por planações de cana, seus cômodos eram imensos e a pequena criança se divertia muito com cada detalhe. Um desenho chamava uma linha horizontal, contornando todas as paredes da cozinha. Já havia visto outras casas com azulejos parecidos, mas nenhum era tão bonito quanto o da sua. Ela queria muito alcançá-lo com as mãos, mas sua miúda estatura não a permitia. Os anos se passavam, Lara crescia, descobria a vida, aprendia a ler e a escrever, ganhava uma irmã e, finalmente, alcançava aquelas frutas que possuíam volume, textura e uma temperatura diferente!



Logo, esse azulejo acompanhou suas fases de escola, vestibular, até a sua saída de casa para a cidade da faculdade. Ele permaneceu aqui, sendo lar. Durante esse tempo, houve diversas mudanças nos cômodos da casa, nos quartos, na sala, no quintal, mas a parede da cozinha sempre se manteve a mesma. De certa forma, tudo mudou mas nada mudou. Aliás, mudará, assim que a reforma da cozinha terminar e os azulejos não estiverem mais lá. Hoje ela guarda carinho uma unidade de seu amigo inanimado de infância. Sorri com coragem para as fases de sua vida que ele guardou e lhe presenteará. Para os novos azulejos colecionáveis!



ISCA DE PESCA

...para
...da Ar-
...principalmente,
...variedade de
...principalmente,
...funciona numa navegação
...margens de um rio para atrair
...definido, foram dois dias inteiros
...que se uniam nessa
...Paraguai e, assim que o sol
...sairam em bus-
...estratégias de pesca.
...menores, como
...fiscar nada. No
...tática: aban-
...peixe preda-
...rio argentino, que
...fazendo
...momentos. Foi um dos momentos





É incrível como alguns minutos de memórias afetivas e tradições duram e das novelas das seis, Elisa e briam um passatempo que mais bastante tempo sozinho até momento de principalmente juntas

A admirar um bom pai como herói não é novidade. Mas, para o pequeno Rafinha, seu pai era mais do que esses super heróis fictícios dos quadrinhos: ele era o maior rockstar violonista do mundo.

Desde seus primeiros aninhos, Rafael cresceu ouvindo um bom som. O gosto musical de seus pais sempre esteve presente. O violão de nylon fixado na parede chamava sua atenção, era o símbolo do talento excepcional de seu pai. Parecia um dom inalcançável, até que, um dia, teve a ideia de pedir a ele para que lhe ensinasse a tocar alguma música. Com alegria, seguiu os caminhos da aprendizagem e o pré-adolescente se descobria em meio a acordes e melodias.

Quando iam ao shopping, Rafael fitava seu olhar nas guitarras, um sonho de consumo. Assim, com o rock na veia, começou a aprender riffs de músicas internacionais no violão e o seu interesse foi notado: no "dia das crianças" daquele ano, pai e filho foram até uma rua especializada em venda de instrumentos da cidade, chegaram em uma loja, foram atendidos e subiram as escadas até o depósito de instrumentos. Lá, o pai testou uma Condor 20XS Stratocaster, uma guitarra, ao som de *Barão Vermelho*. Um outro cliente que lá estava para adquirir uma peça de bateria, começou a acompanhá-lo nos tambores e pratos e juntos faziam uma harmonia que maravilhava o garoto sonhador. O vendedor deu uma oportunidade para ele tocar, o que aconteceu tímida, mas empolgantemente. Em seguida, veio a pergunta de seu pai: "E aí, quer levar?" Naquele momento o coração de Rafael batia mais forte, e respondeu o mais entusiasmado: "Claro!".

Chegando em casa, o pequeno mal conseguia parar de olhar para a guitarra. A partir daí, um novo mundo de possibilidades surgia. Desde que se dedicasse, qualquer música poderia ser tocada! E junto de seu pai, dedilhou diversas peças musicais, louvores e criou memórias afetivas que levará para o resto de sua vida. Isso lhe ensinou muito sobre o valor da disciplina e força de vontade, além de aprender uma nova forma de se expressar, compreender a sua identidade e criar um vínculo ainda mais profundo com seu pai: seu melhor amigo, que sempre será sua grande referência.



considerações finais

O intuito de demonstrar na prática um recorte do que meu artigo de 2022 teorizou, acabou produzindo um tesouro, conciliando histórias especiais de pessoas queridas. Tornou-se, de fato, uma coleção cheia de significado. Através dos relatos, foi possível conhecer um pouco mais sobre cada entrevistado, apontando para a relação entre memória e identidade. Ademais, pôde-se perceber a presença daqueles objetos na memória dos usuários “com frescor”, mesmo após anos de seu acontecimento. Assim, revelou-se o potencial do Design em ser uma ferramenta entre as conexões interpessoais, para além das suas funções de usabilidade e estética, como Norman disse sobre a relação usuário-produto:

“Nós nos tornamos apegados a coisas se

*elas têm uma associação pessoal significativa, se trazem à mente momentos agradáveis e confortantes (...) Nosso apego não é realmente com a coisa, é com o **relacionamento**, com os significados e sentimentos que a coisa representa.”*
(NORMAN, 2008, p. 68)

A concretização deste projeto foi de uma grande realização pessoal. Acredito que, ao longo dos 4 anos de curso, aprender sobre Design fez mais sentido quando passou de ser simplesmente sobre o objeto em si, e passou a ser sobre os seus utilizadores. Quando se fala de comunidade, ele ganha ainda mais sentido. Representar esses relacionamentos brilhantes através de um produto de design que ganhou um significado tão profundo é um grande prazer.

CARDOSO, Rafael. **Design para o mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CSIKSZENTMIHALYI e ROCHBERG-HALTON. **The Meaning of Things: Domestic Symbols and the Self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

DESMET, P. M. A.; HEKKERT, P. **Framework of Product Experience**. International Journal of Design. 2007.

FRANCO, L. A. **A Ilustração de Fantasia ao longo das edições de Dungeons & Dragons sob a abordagem do Design emocional**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Bauru: 2019.

FUJIMURA, Makoto. **Culture Care**. Illinois: IVP Books, 2017.

NORMAN, Donald. **Design Emocional Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia**. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

REDIG, Joaquim. **Sentido do design ou desenho industrial ou desenho de produto e programação visual**. Rio de Janeiro: ESDI, 1983.

SCHAEFFER, Francis A. **A Arte e a Bíblia**. Tradução: Fernando Guarany Jr.. Viçosa: Ultimato, 2010.

SMITH, James K. A. **Como (não) ser secular lendo Charles Taylor**. Tradução: Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2021.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e Folha**. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pela Esperança**. Tradução: Jorge Camargo. Viçosa: Ultimato, 2009.

- 07** **Figura 1:** Capa do livro Culture Care
- 08** **Figura 2:** Ilustração interna do livro “Lina: As aventuras de uma arquiteta”
- 08** **Figura 3:** Capa do livro “Lina: Aventuras de uma arquiteta”
- 09** **Figura 4:** Capa da revista The New Yorker, edição de 24 de maio de 1947
- 09** **Figura 5:** Capa da revista The New Yorker, edição de 31 de janeiro de 1948
- 09** **Figura 6:** Capa da revista The New Yorker, edição de 15 de abril de 1985
- 14** **Figura 7:** Fotografia enviada pela entrevistada
- 15** **Figuras 8-11:** Fotografias do objeto de referência
- 16** **Figuras 12-16:** Fotografias do processo de ilustração
- 18** **Figuras 17 e 18:** Quarta e primeira capas do livro
- 19** **Figura 19:** Título do livro
- 20** **Figura 20:** Parte utilizada da família tipográfica Nouveau Nexus
- 20** **Figura 21:** Parte utilizada da família tipográfica Mazzard
- 21** **Figura 22:** Parte utilizada da família tipográfica Georgia
- 21** **Figura 23:** Fotografia da tipografia aplicada à página do livro
- 22** **Figura 24:** Paleta de cores
- 24** **Figura 25:** Fotografia de organização
- 25** **Figura 26:** Modelo de proporção A5
- 26** **Figura 27:** Margens destacadas e aplicadas nas páginas do livro aberto
- 27** **Figura 28:** Espelho do miolo
- 28** **Figura 29 e 30:** Abertura de capítulo e páginas de texto
- 32** **Figuras 31-43:** Imagens do livro

PEQUENAS
GRANDES
coisas

Beatriz Nishikawa Venturim